

Enunciação aforizante e enunciação textualizante: quais os limites?

Aphorising enunciation and textual enunciation: what are the limits?

Enunciación de aforizaciones y enunciación textual: ¿cuáles son los límites?

Anna Flora Brunelli

Universidade Estadual Paulista (UNESP – Câmpus de S.J. Rio Preto/FEsTA)¹

Resumo

Neste trabalho, considerando as diferenças entre a enunciação textualizante e a enunciação aforizante, analisamos um conjunto de frases aforizadas presentes em uma obra de autoajuda que trata de relacionamentos e que se dirige especificamente ao público feminino adulto. A análise revela que algumas dessas aforizações apresentam certas particularidades inesperadas para esse tipo de enunciação, a saber: marcas de interação e marcas de heterogeneidade enunciativa. Com essas marcas, tais aforizações fogem um pouco do padrão da enunciação aforizante, aproximando-se da textualizante, o que evidencia que a enunciação é, em essência, uma encenação que pode eventualmente por em questão os limites entre os dois regimes enunciativos.

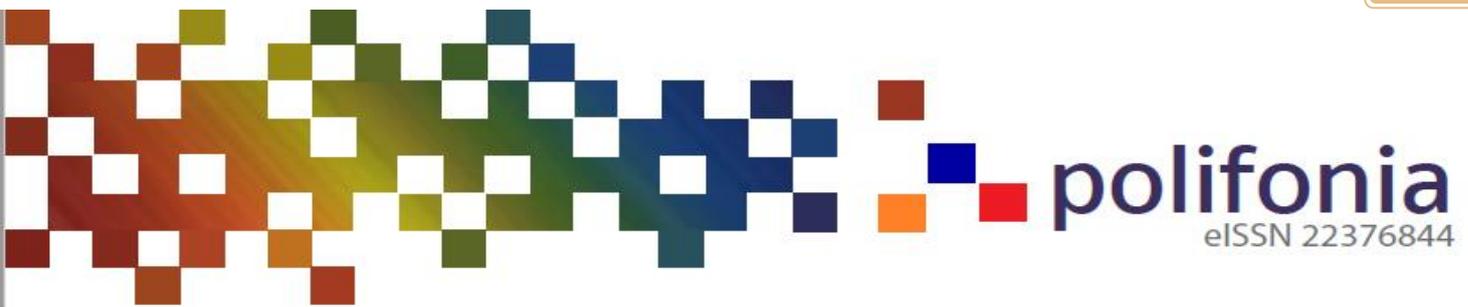
Palavras-chave: aforização, enunciação, discurso de autoajuda.

Abstract

In this paper, considering the differences between the textual enunciation and the aphorising enunciation, we analyze a set of aphorisations expressed in a self-help book that deals with relationships and that is specifically addressed to the adult female audience. The analysis reveals that some of those phrases present certain unexpected peculiarities for this type of enunciation, namely: interaction marks and marks of enunciative heterogeneity. With these marks, such phrases run away from the standard of the aphorising enunciation, approaching the textual enunciation, which shows that the enunciation is, in essence, a scene that may question the set boundaries between the two enunciative regimes.

Keywords: aphorising, enunciation, self-help discourse.

¹ Grupo de Pesquisa CNPq “Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise”.



Resumen

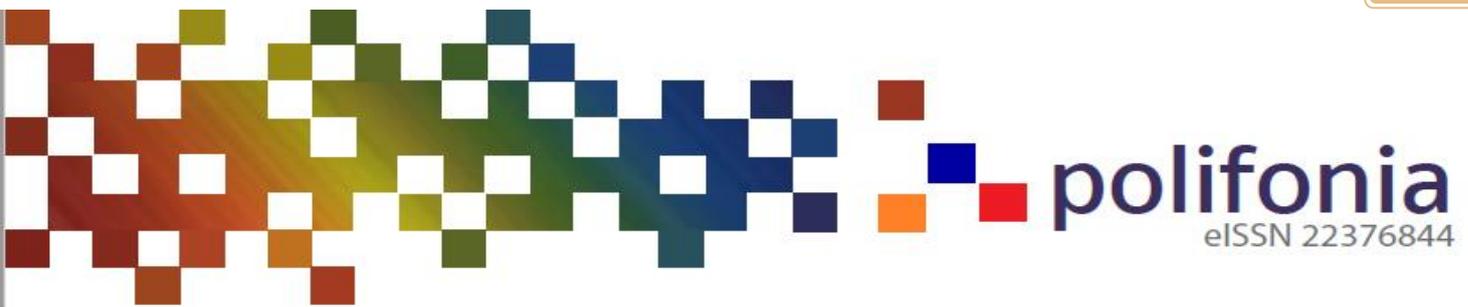
En este trabajo, considerando las diferencias entre la enunciación textual y la enunciación de aforizaciones, analizamos un conjunto de aforizaciones presentes en un libro de autoayuda que trata de relaciones y que se dirige específicamente al público femenino adulto. El análisis revela que algunas de estas aforizaciones presentan ciertas particularidades inesperadas para ese tipo de enunciación, a saber: marcas de interacción y marcas de heterogeneidad enunciativa. Con estas marcas, tales frases huyen un poco del patrón de la enunciación de aforizaciones, acercándose a la enunciación textual, lo que evidencia que la enunciación es, en esencia, una escenificación que puede eventualmente poner en cuestión los límites entre los dos regímenes enunciativos.

Palabras clave: aforizaciones, enunciación, discurso de autoayuda.

Introdução

Observando as particularidades dos textos que compõem os mais diversos gêneros discursivos, Maingueneau (2010) observa que o texto, entendido como um conjunto de frases interligadas segundo regras específicas, não é a única realidade empírica com a qual o linguista se depara. De fato, provérbios, ditados, slogans, máximas, manchetes de artigos de imprensa, citações célebres etc. são frases que fogem aparentemente à ordem do texto e assim circulam ora como frases autônomas nos mais diversos tipos de suportes (nos muros das cidades, nas camisetas das pessoas, nas redes sociais, em ilustrações da mídia impressa), ora como frases destacadas (manchetes, títulos, subtítulos, legendas de fotografias), mas não completamente isoladas, pois ainda estão inseridas em textos que derivam de gêneros. Essas frases são dotadas de certas propriedades (prosódia, rimas, tropos) que facilitam sua memorização e, conseqüentemente, sua circulação, que pode vir a ser bastante intensa.

Muitos dessas frases foram extraídas, ou melhor, destacadas de textos, o que leva Maingueneau (2010) a dividi-las em dois subconjuntos, conforme o tipo de destaque: de um lado, os provérbios e as demais fórmulas sentenciosas que, pela própria natureza, não se vinculam exatamente a um contexto situacional nem a um



contexto original. Nesse caso, o autor entende que o destaque é do tipo constitutivo ou primário.

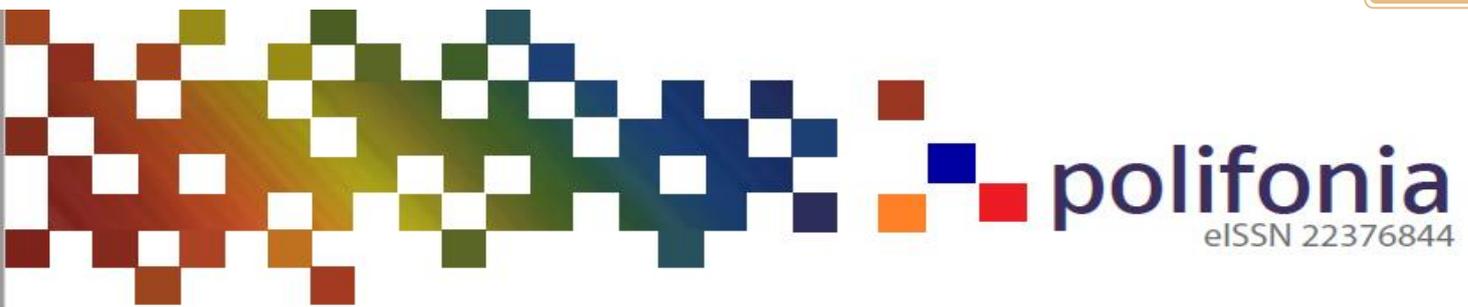
No outro subconjunto, encontram-se as aforizações secundárias, que são frases extraídas de um texto particular. Segundo o autor, essa extração não acontece por acaso, já que certas frases têm características ou propriedades que favorecem a extração, isto é, que as tornam destacáveis. Maingueneau (2014) observa que não propôs essa distinção entre aforização primária e secundária com base em critérios estritamente históricos, mas também contextuais; assim, uma mesma frase, em contextos distintos, poderá funcionar ora como aforização primária, ora como secundária.

Entre as propriedades que podem levar uma frase a se tornar uma aforização secundária podemos citar: o fato de a frase apresentar uma relação íntima com a temática central do texto, o lugar em que a frase se encontra no texto (normalmente o final do texto) e o fato de a frase ser dotada de certas propriedades enunciativas, como a de ser uma frase generalizante, dotada de um *ethos* mais solene.

Todas essas propriedades que tornam a frase destacável favorecem sua extração do texto, o que pode mesmo ocorrer, levando a frase a ser repetida como manchete ou um subtítulo, ou até possibilitando que a frase seja citada em outro texto, em algum contexto diferente.

Conforme observa Maingueneau (2010), essa destacabilidade da frase, que abre a possibilidade de sua extração, entra em tensão com a dinâmica da textualização, contrariando, portanto, a tendência de os constituintes dos textos serem integrados, por meio de elos coesivos, em uma unidade orgânica.

Mas a destacabilidade da frase não se confunde com seu destaque efetivo. Na verdade, o primeiro caso diz respeito a um fenômeno ao qual o autor chama de sobreasseveração: uma operação de destaque de uma frase em relação ao restante do texto por meio de marcadores de diversas ordens: de ordem aspectual (a genericidade da frase), de ordem topográfica (a posição de destaque que ocupa no texto), de ordem



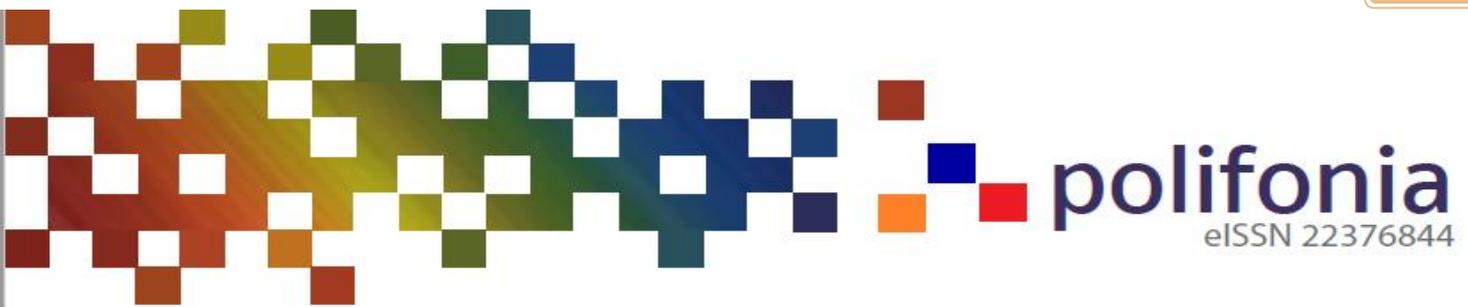
prosódica (saliência fônica), de ordem sintática (construção do tipo pregnante), de ordem semântica (presença de uma figura de linguagem) etc.

As frases sobreasseveradas ou destacáveis não fazem parte da lógica da citação, então não são frases destacadas propriamente ditas, embora a sobreasseveração favoreça muito o destaque. Outra evidência de que não se trata do mesmo fenômeno é o fato de muitas frases que foram efetivamente destacadas (na qualidade de manchetes, títulos ou subtítulos) não corresponderem a frases sobreasseveradas nos textos originais. Enfim, a sobreasseveração facilita o destaque, mas não só não é condição *sine qua nom* para o destaque, como também não lhe garante a ocorrência.

Nos casos em que há mesmo destaque por extração, Maingueneau (2010) diferencia o *destacamento forte*, no qual a frase destacada se separa mesmo do texto fonte e o *destacamento fraco*, caso em que a frase destacada fica contígua ao texto-fonte, na qualidade de uma manchete, de um intertítulo, de legenda de foto, por exemplo. Na operação destaque, a frase pode sofrer alguma alteração, porque, ao contrário das outras frases do texto (inclusive das frases sobreasseveradas, isto é, destacáveis, mas não destacadas), as frases efetivamente destacadas desfrutam de um *status* pragmático especial, isto é, elas decorrem de um regime de enunciação específico, ao qual Maingueneau chama de enunciação aforizante, em oposição à enunciação textualizante.

Na enunciação textualizante, há posições correlativas de produção e de recepção, que são especificadas pelas restrições da cena relativa ao gênero discursivo a que o texto pertence. Trata-se de papéis que implicam direitos, deveres e competências associados a uma cena verbal específica, na qual a responsabilidade do dizer é partilhada e negociada. Nesse tipo de enunciação, os pensamentos se articulam por meio de jogos de linguagem de diversos tipos (argumentar, narrar, responder, etc.);

Na enunciação aforizante, por sua vez, no lugar de posições correlativas, encontra-se uma instância que fala a uma espécie de auditório universal (nos termos de Perelman), que não se reduz a um enunciatário específico. Assim, não há protagonistas



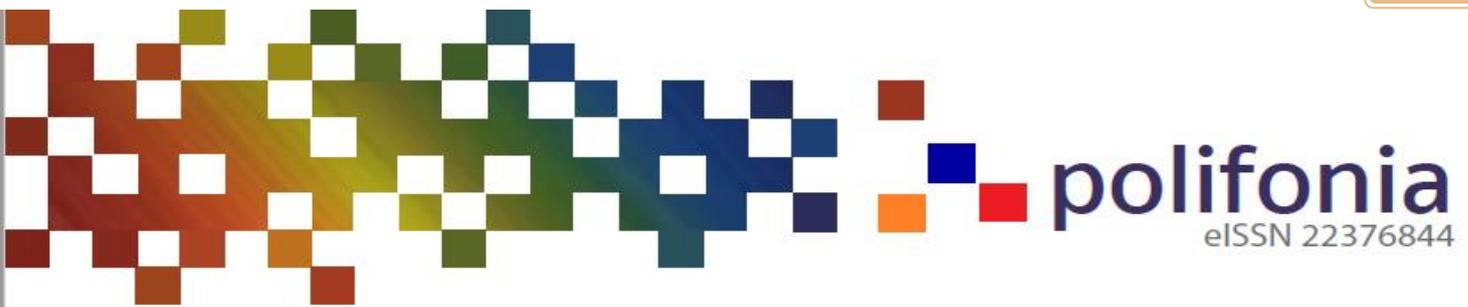
colocados no mesmo plano, pois a enunciação, de tipo monologal, centra-se exclusivamente no enunciador, apreendido em sua totalidade, isto é, sem ruptura entre a instância discursiva e a instância tomada fora da enunciação. Nesse caso, é o próprio indivíduo que se exprime, independentemente de qualquer papel discursivo em particular, e o pensamento é expresso aquém de qualquer jogo de linguagem. Não se trata de uma argumentação, de uma resposta, de uma narração, mas de uma tese, de um pensamento, de uma afirmação soberana.

Outra diferença entre os dois regimes de enunciação diz respeito aos planos enunciativos. Vejamos: na enunciação textualizante, há heterogeneidade enunciativa, por exemplo: diferentes figuras do enunciador, diferentes planos (primeiro plano e segundo plano), diferentes modos enunciativos (embreado e desembreado). Nada disso é próprio à enunciação aforizante, em que “o enunciado tende à homogeneidade, sem mudança de planos enunciativos” (MAINGUENEAU, 2010, p.14).

Além disso, enquanto a enunciação textualizante resiste à apropriação por uma memória, dada à própria dificuldade de memorizar textos longos, a aforizante pretende ser uma fala sempre disponível, que estaria atualizando o que seria, de fato, digno de memorização. Na verdade, trata-se de um efeito de sentido desse tipo de enunciação, que se pretende como parte de uma repetição que é inaugurada justamente por meio de sua própria ocorrência.

Desse modo, o enunciador, nas aforizações, vai além da diversidade das interações imediatas dos gêneros discursivos. Esse enunciador, a quem Maingueneau (2010) nomeia de “aforizador”, assume um *ethos* bem específico, que é, segundo o autor, o *ethos* daquele que está no alto, do indivíduo autorizado que está em contato com uma fonte transcendente. Ele é aquele que enuncia algo que prescinde de negociação, como uma verdade soberana, uma tese.

Nesses termos, a aforização implica um enunciador que se situa como Sujeito de pleno direito. Mais exatamente, segundo Maingueneau (2010, 2014), no aforizador “coincidem sujeito da enunciação e sujeito no sentido jurídico e moral”: alguém que se

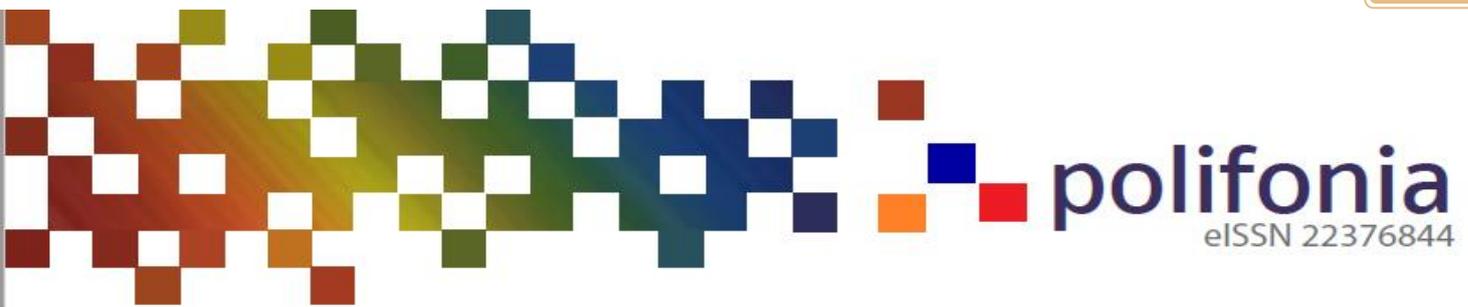


coloca como responsável, que afirma valores e princípios perante o mundo, dirigindo-se a uma comunidade que está além dos indivíduos empíricos que são seus enunciatórios. É o sujeito que não varia: “independentemente da diversidade de situações de comunicação e de momentos, ele está apto a responder pelo que diz” (MAINGUENEAU, 2014, p. 43).

Outra característica importante das frases aforizadas diz respeito ao sentido. Segundo Maingueneau (2010), a descontextualização das frases aforizadas é acompanhada por uma opacificação de seu sentido, que exige um trabalho interpretativo, isto é, o enunciatório, é levado a atribuir, para as frases aforizadas, um sentido que vai além do sentido imediato mais óbvio. Mais exatamente, segundo o autor, essa interpretação assume uma forma geral que pode ser assim definida: “dizendo X, o enunciador implica Y, onde Y é um enunciado genérico de valor deôntico” (MAINGUENEAU, 2010, p.15). A respeito desse trabalho interpretativo, o autor faz a seguinte ressalva, pensando especialmente nas frases aforizadas que circulam no discurso jornalístico ou no discurso cotidiano:

Certamente, não se trata de uma hermenêutica tão rica e institucionalizada quanto a que acompanha os textos filosóficos, religiosos ou literários, mas é uma verdadeira ‘atitude hermenêutica’ que leva os leitores ou os ouvintes a mobilizar certo número de estratégias interpretativas: partindo do postulado de que a aforização resulta de uma operação de destacamento que é pertinente, o leitor deve construir interpretações que permitam justificar essa pertinência. Pouco importa qual seja a interpretação que ele construa, o essencial é que ele postule um além do sentido imediato e aja de acordo. Fazendo isso, o enunciatório é chamado a justificar, pela busca hermenêutica, a própria operação de destacamento: o fato de esse enunciado ser apresentado em um regime aforizante leva o enunciatório a legitimar a totalidade do quadro situacional. (MAINGUENEAU, 2010, p. 15).

Daí o *ethos* solene a que o autor havia se referido, *ethos* próprio ao indivíduo autorizado, que está em contato com uma fonte transcendente. O conteúdo da frase deve ser entendido, portanto, como uma verdade que prescinde de negociação. Para exemplificar o valor deôntico desse tipo de frase, Maingueneau cita o caso de uma frase aforizada apresentada pela revista *Veja* numa seção de enunciados destacados e



atribuída à cantora Preta Gil: “Eu me acho linda” (Veja, 3 de setembro de 2003, *apud* MAINGUENEAU, 2010, p. 15). Segundo o autor, essa frase, apesar de ser aparentemente trivial, tem, como toda aforização, um sentido que vai além de seu sentido imediato e que pode ser parafraseado por uma frase genérica com valor deôntico do tipo: “Não se deve ter vergonha de ser gordo”, “Deve-se ter orgulho de ser negro”, “A gente deve se amar”, “Não se deve esconder o corpo”, etc.

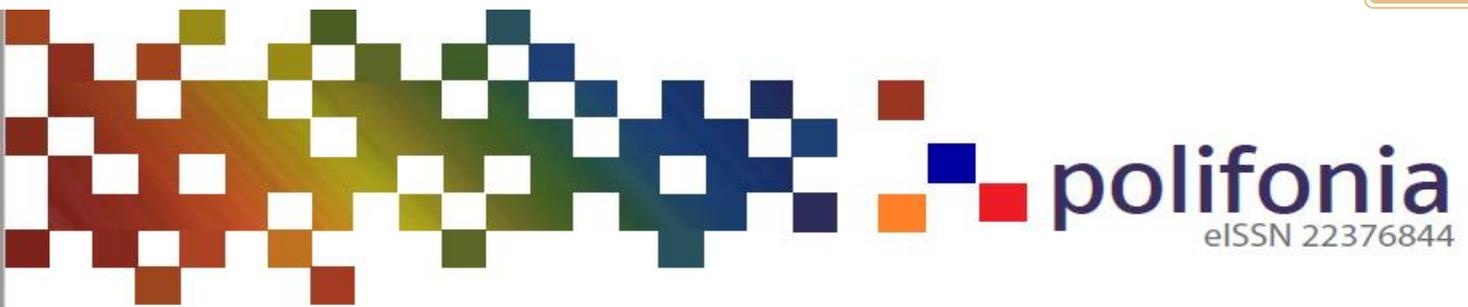
Tendo em vista as propriedades de cada tipo de enunciação, neste trabalho, analisamos frases aforizadas presentes em Carter e Sokol (2006), uma obra de autoajuda sobre relacionamentos, dirigida ao público feminino, procurando avaliar as propriedades dessas frases com o intuito de contribuir com os estudos sobre a enunciação aforizante. Conforme vamos verificar, a análise revela que algumas dessas aforizações apresentam certas particularidades que fogem um pouco do padrão da enunciação aforizante, na medida em que as aproxima da textualizante, o que nos leva a refletir sobre os limites entre esses dois tipos de enunciação.

1. Aforizações no discurso de autoajuda

Neste trabalho, analisamos frases aforizadas presentes em Carter e Sokol (2006), uma obra de autoajuda que versa sobre relacionamentos e que se dirige especificamente ao público feminino adulto. Fizemos um levantamento e verificamos que, na obra em questão, há 275 frases aforizadas, o que é um número bem alto considerando, inclusive, que a obra tem apenas 160 páginas. Vejamos alguns exemplos dessas aforizações:

(01) As mulheres inteligentes sabem que... É sempre um erro deixar-se atrair pela aparência de um homem a ponto de ignorar seu conteúdo. (CARTER e SOKOL, 2006, p. 9)

(02) As mulheres inteligentes sabem que... Deus inventou o flerte para que a mulher possa descobrir os defeitos de um homem antes de se envolver com ele, e não depois. (CARTER e SOKOL, 2006, p. 17)



(03) Uma mulher inteligente sabe distinguir os homens bons dos maus. (CARTER e SOKOL, 2006, p. 31)

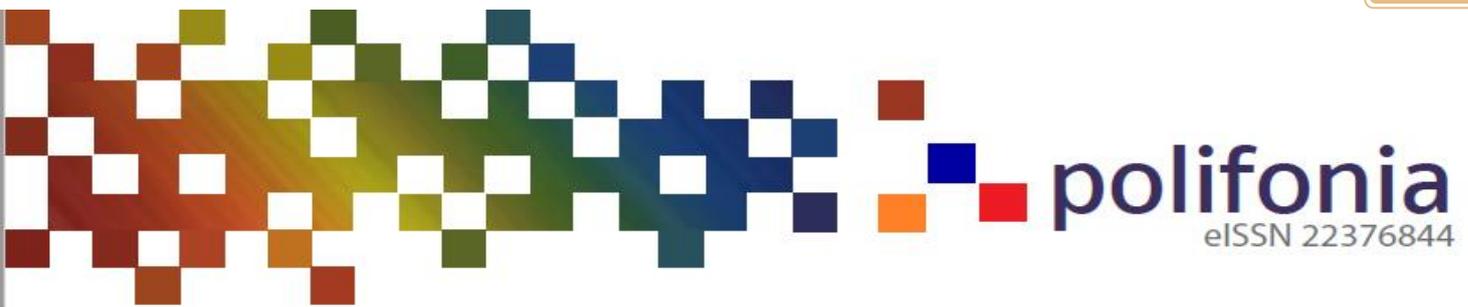
(04) As mulheres inteligentes sabem qual é... A diferença entre um marido em potencial e um desastre em potencial. (CARTER e SOKOL, 2006, p. 39)

Conforme podemos notar, as frases aforizadas se iniciam praticamente da mesma forma, ou seja, pelo sintagma nominal “as mulheres inteligentes”, com poucas variações (“uma mulher inteligente”, “a mulher inteligente”). Além disso, do ponto de vista sintático, grande parte dessas aforizações se constitui por uma oração principal (“as mulheres inteligentes sabem que...”) seguida de uma oração (desenvolvida ou reduzida) que funciona como complemento do verbo “saber” presente na oração principal.

Com base nos esclarecimentos de Maingueneau (2010) sobre o sentido das aforizações, podemos dizer que qualquer uma das frases aforizadas presentes na obra em questão podem ser convertidas em formulações linguísticas genéricas com valor deôntico. Assim, por exemplo, uma frase aforizada como a citada no exemplo (01), “As mulheres inteligentes sabem que... É sempre um erro deixar-se atrair pela aparência de um homem a ponto de ignorar seu conteúdo”, equivale a formulações linguísticas do tipo: “Nenhuma mulher deve se deixar levar pela aparência dos homens”, “As mulheres sempre devem prestar mais atenção no conteúdo do que na aparência dos homens”, “Todas as mulheres não devem nunca se deixar levar pela aparência dos homens”.

Por sua vez, o exemplo (02), “As mulheres inteligentes sabem que... Deus inventou o flerte para que a mulher possa descobrir os defeitos de um homem antes de se envolver com ele, e não depois”, pode ser parafraseado da seguinte forma: “as mulheres/todas as mulheres/qualquer mulher deve(m) flertar para descobrir os defeitos do(s) homem(ns) antes de se envolver(em) com ele(s).

Essas paráfrases evidenciam o que está normalmente por trás de um aforização: uma frase genérica com valor deôntico. O valor genérico das frases, nas paráfrases,



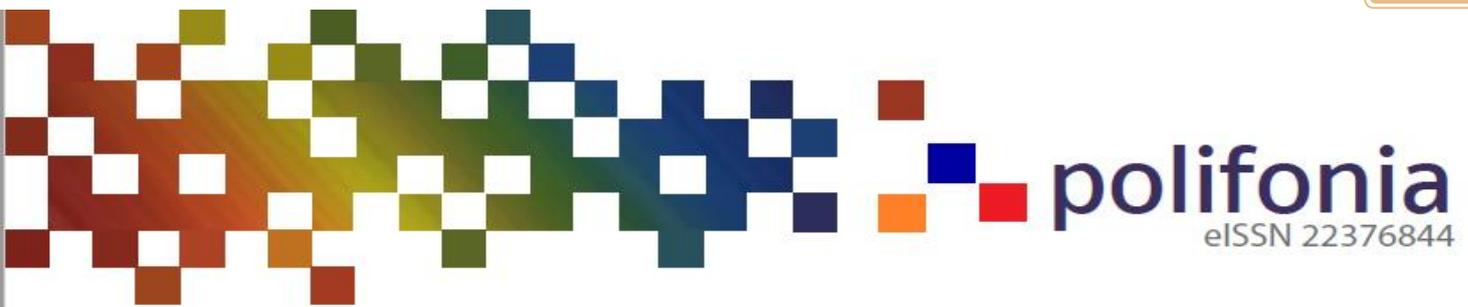
pode ser evidenciado nos sintagmas nominais com valores genéricos e/ou indefinidos (“as mulheres”, “todas as mulheres”, “nenhuma mulher”, “qualquer mulher”) e nos advérbios de valor indefinido (“nunca”, “sempre”).

De fato, se nos atentarmos para os objetivos assumidos pelo discurso de autoajuda, somos levados a concluir que esse tipo de formulação linguística, a frase aforizada, encontra no discurso de autoajuda um terreno bastante fértil para a sua emergência. A esse respeito, vale lembrarmos que o discurso de autoajuda, qualquer que seja o tema e o público a que se dirige, promete ensinar fórmulas infalíveis para a realização bem sucedida de uma série de tarefas, entre as quais está a de ajudar as mulheres a lidarem com os homens e a conquistarem o parceiro ideal, que é o objetivo da obra que estamos analisando.

Além disso, retomando os resultados do trabalho que desenvolvemos anteriormente (cf. BRUNELLI, 2004), o discurso de autoajuda pode ser tomado muito mais como um conjunto de orientações, de direcionamentos do que como um convite à reflexão, pois, ao invés de discutir as causas dos problemas e dos sofrimentos de seus possíveis enunciatários, oferece soluções, dicas, conselhos. No trabalho em questão, entendemos que esse discurso, nos termos de uma semântica global (cf. Maingueneau, 2007), pode ser caracterizado pelo traço da /+objetividade/, pois apresenta, ao lado de um conjunto relativamente pequeno de teses (que se repetem constantemente por meio de paráfrases), um conjunto de dicas, conselhos e até ordens que orientam o enunciatário em seu caminho rumo ao sucesso.

Tomando conjuntamente esses aspectos do discurso de autoajuda, podemos dizer que as frases aforizadas no discurso de autoajuda auxiliam o enunciador no seu trabalho de orientação de seus enunciatários, pois lhe permitem dar uma ordem como se estivesse enunciando uma verdade, o que reforça o poder persuasivo do discurso.

Além disso, essas frases reforçam o caráter didático do discurso, pois permitem que o enunciador possa expressar ordens de forma indireta, sem empregar frases imperativas ou deonticamente modalizadas. Como se sabe, tais frases funcionam como

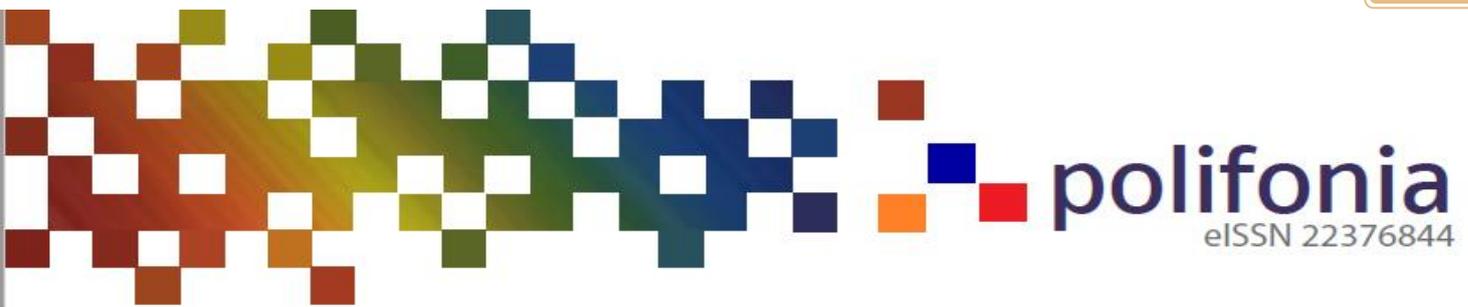


instrumentos à disposição do enunciador para impor vontades sobre o enunciatário, regulando seu comportamento por meio de ordens e proibições, qualquer que seja o subtipo de dever veiculado (obrigação, permissão ou necessidade). Assim, enquanto os enunciados imperativos são impositivos e seu emprego pressupõe uma autoridade por parte de quem o profere, nas frases aforizadas, por sua vez, o tom autoritário fica enfraquecido, já que o valor deôntico é implícito, devendo ser inferido, ainda que essa inferência seja bastante óbvia.

Desse modo, podemos dizer que as frases aforizadas em análise mascaram um pouco o caráter autoritário do enunciador do discurso de autoajuda. Conforme dito, segundo Maingueneau, aparentemente, com esse tipo de enunciado o enunciador não se dirige ao enunciatário em particular, mas a um auditório universal. Ou seja, o enunciador do discurso de autoajuda, na qualidade de aforizador, assume o *ethos* daquele que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma fonte transcendente, que, portanto, não pode ser contestada, como poderiam ser contestados os enunciados deonticamente modalizados.

Nesses termos, proferindo ordens como se fossem verdades, portanto, como conteúdos não negociáveis, o enunciador do discurso de autoajuda reforça o poder persuasivo desse discurso e também lhe imprime um tom mais didático e menos autoritário, até porque cabe ao enunciatário descobrir o valor deôntico desses enunciados. A esse respeito, Maingueneau afirma que a aforização faz ouvir uma reserva de sentido na própria exibição de uma enunciação, tornando enigmático um enunciado que apela para a interpretação. Ou seja, para além das interações, para além das argumentações, com os destaques aforizantes, o enunciador do discurso de autoajuda tem sua credibilidade reforçada de um modo especial, que não pode ser contestado, já que a enunciação aforizante simula suspender, por assim dizer, a reciprocidade própria ao intercâmbio linguístico.

2. Frases aforizadas distantes do padrão



Feitos os esclarecimentos sobre o papel das aforizações no discurso de autoajuda, vamos tratar das particularidades das aforizações presentes em Carter e Sokol (2006) que quebram expectativas relativas ao padrão da enunciação aforizante e que nos levam a refletir sobre as relações entre esses tipos de enunciação.

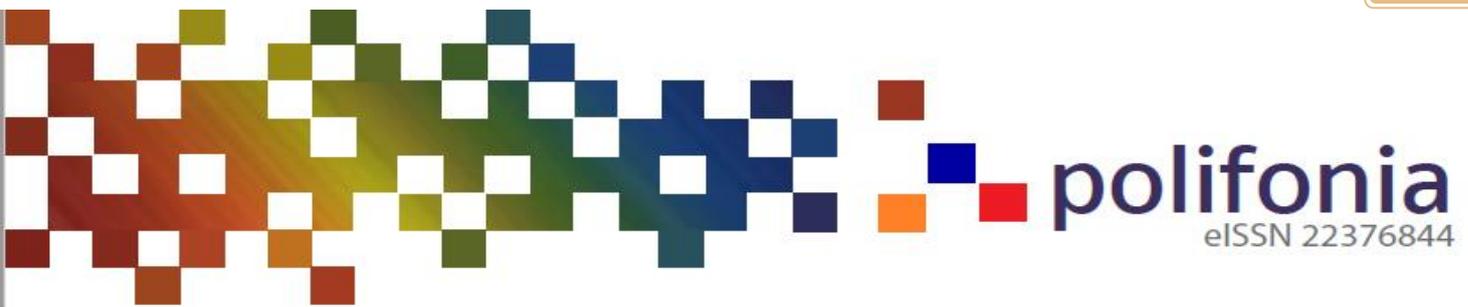
A primeira delas diz respeito à presença de marcas de interação. Conforme Maingueneau, nas aforizações, o aforizador não enuncia para um destinatário determinado por um certo gênero de discurso, mas para um auditório que não se situa no mesmo plano, que não é capaz de intervir na enunciação. Desse modo,

Ainda que a aforização se apresente como uma pergunta, esta não pede uma resposta: [...] Quando um jornal destaca o intertítulo: ‘É verdadeiramente este novo mundo o que queremos?’ (*Le Monde*, 16-2-2010, p.19), espera-se que o leitor o interprete como uma asserção disfarçada do locutor, dirigida à comunidade: ‘Se aderirmos a certos valores não podemos desejar esse novo mundo’ (MAINGUENEAU, 2015, p. 36).

Em um *corpus* composto por duzentas aforizações extraídas da imprensa escrita, Maingueneau (2014) afirma ter encontrado apenas duas frases destacadas que apresentavam supostas marcas de interação com um alocutário, mas observa que, nesses casos, não havia interação de fato. Apesar disso, nas aforizações de Carter e Sokol (2006), há marcas de 2ª. pessoa em 112 das 275 aforizações presentes na obra, ou seja, em 40% das ocorrências, o que é um percentual bastante alto. Vejamos alguns exemplos:

(05) As mulheres inteligentes sabem que... Se **você** acha que está ficando muito tempo deitada no sofá sozinha, sonhando acordada, chorando, **você** não está amando – **você** está obcecada. (CARTER e SOKOL, p. 15; grifos nossos)

(06) As mulheres inteligentes sabem que... Se a esposa dele não o compreende, **você** provavelmente também não o compreenderá. (CARTER e SOKOL, p. 24; grifo nosso)

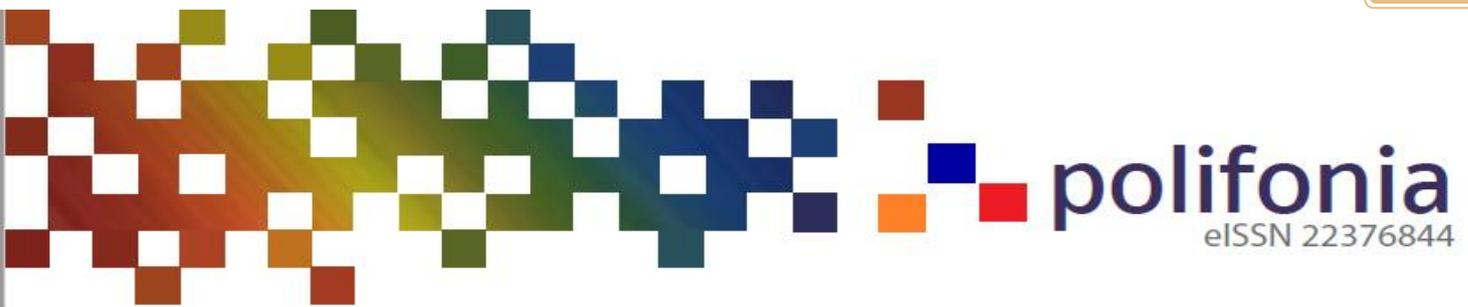


(07) As mulheres inteligentes sabem que... Se **você** quer um relacionamento sólido e confiável, **você** precisa encontrar um homem sólido e confiável. (CARTER e SOKOL, 2006, p. 48; grifos nossos)

Nesses exemplos, a princípio, poderíamos considerar que o pronome “você” está sendo empregado como um pronome impessoal (cf. FIORIN, 2011). Nesse caso, o pronome “você” não estaria se referindo à enunciatária imediata do discurso (no caso, a leitora da obra), mas estaria remetendo a todos os enunciatários possíveis. Entretanto, essa hipótese parece fraca considerando que a aforização já estava “impessoalizada” pela expressão genérica que inicia a frase (“as mulheres inteligentes”, “a mulher inteligente”). O emprego dessa expressão genérica e impessoal cria a expectativa de emprego de formas de 3ª pessoa, para manter a impessoalidade da frase. Nesses termos, teríamos algo como: “As mulheres inteligentes sabem que... Se **elas** acham que estão ficando muito tempo deitadas no sofá sozinhas, sonhando acordadas, chorando, **elas** não estão amando – **elas** estão obcecadas”.

Assim, podemos dizer que o emprego do pronome “você” quebra essa expectativa, contrastando com a expressão genérica e abrangente, o que nos leva a interpretá-lo como um pronome pessoal pleno, ou, pelo menos, leva-nos a reconhecer que o seu valor pessoal não está completamente neutralizado.

Arriscamo-nos ainda a dizer que, nessas aforizações, o contraste entre a forma impessoal (“a mulher inteligente”/“as mulheres inteligentes”) e a segunda pessoa (o pronome “você”, que corresponde à enunciatária do discurso, e que, por sua vez, pode ser identificada como à leitora da obra) desempenha um papel discursivo específico, isto é, serve para evidenciar as diferenças que o discurso de autoajuda pressupõe haver entre “a mulher inteligente”, modelo de conduta, e a enunciatária do discurso de autoajuda, a quem esse discurso se dirige para orientar, evidenciando também, ainda que de modo indireto, que o valor deôntico da aforização é dirigido justamente a essa enunciatária e não à mulher inteligente, pois ela seria supostamente já dotada da sabedoria que o discurso quer passar à sua enunciatária. Nesses termos, as aforizações em questão



parecem menos dirigidas a um auditório universal e mais voltadas a um alvo específico, ou seja, a enunciatária do discurso, a quem se dita o modelo de comportamento das “mulheres inteligentes”.

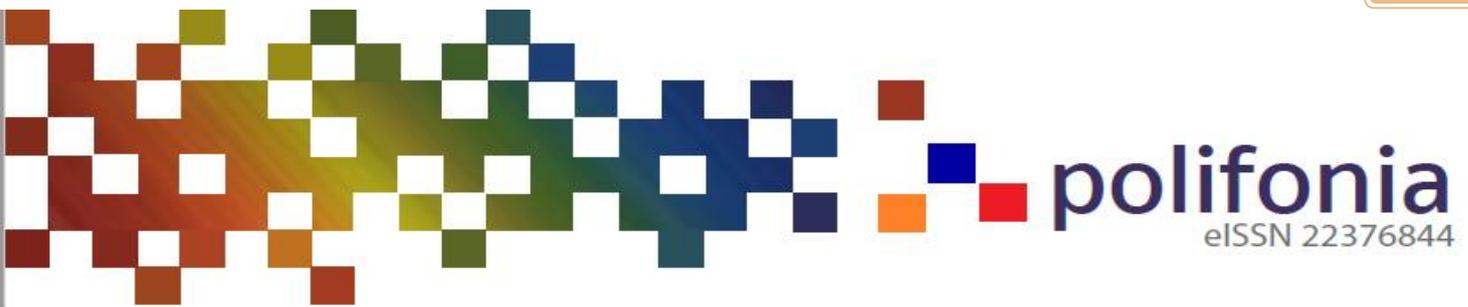
Diante do exposto, embora não nos pareça o caso de afirmar que se trata de um caso de interação plena, por outro lado, também não nos parece possível desprezar essa marca de interação. Do nosso ponto de vista, essa marca pode ser tomada como um indício de que o *status* próprio às aforizações pode oscilar ocasionalmente, apresentando versões mais fracas que o padrão esperado, descrito por Maingueneau.

Outro indício dessa mesma natureza que encontramos nas frases aforizadas de nosso *corpus* é a presença de marcas de heterogeneidade enunciativa, que, de acordo com as reflexões de Maingueneau, tende a aparecer somente na enunciação textualizante. Apesar disso, há marcas de heterogeneidade enunciativa em algumas das aforizações da obra em análise, mais exatamente, presença de itálico e de aspas no interior de algumas aforizações e não em seus limites, como seria o esperado nas aforizações, para evidenciar seu caráter de frase citada. Vejamos exemplos desses casos:

(08) As mulheres inteligentes sabem que... *Isto é um fato!* Se um homem desaparece, a única reação apropriada deveria ser de alívio por não ter se envolvido demais com um cafajeste como ele. (CARTER e SOKOL, 2006, p. 67)

(09) Uma mulher inteligente sabe que os homens acham que é obrigação da mulher se precaver porque “o corpo é dela”. (CARTER e SOKOL, 2006, p. 98)

(10) As mulheres inteligentes sabem que... Você só deve acreditar em um homem que diz “vou tirar” quando está esperando para estacionar na vaga que ele está ocupando. (CARTER e SOKOL, 2006, p. 96)

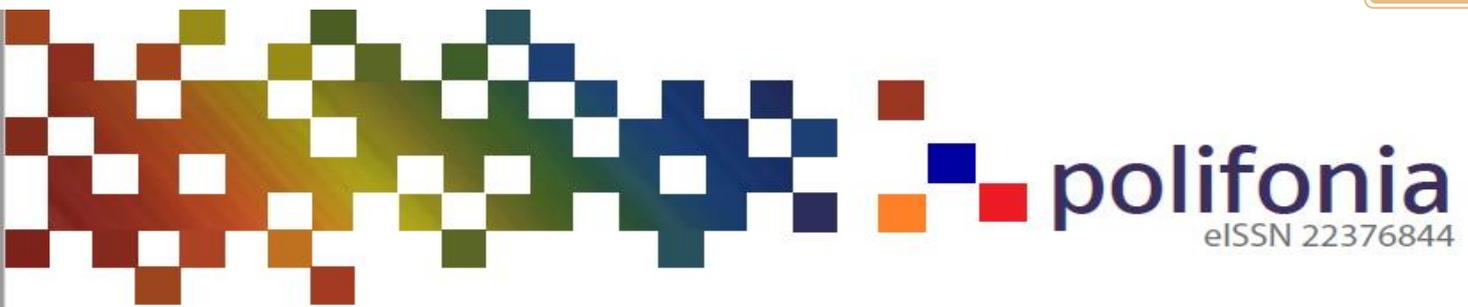


(11) As mulheres inteligentes sabem que... Você pode “brincar de casinha” com seu marido, mas não com o cara com quem você está saindo. (CARTER e SOKOL, 2006, p. 112)

(12) As mulheres inteligentes sabem que... Tentativas de mostrar que você poderá vir a ser uma “esposa perfeita” geralmente produzem o efeito contrário. (CARTER e SOKOL, 2006, p. 112)

De acordo com Authier-Revuz (1990), de modo geral, as marcas de heterogeneidade empregadas acima, isto é, aspas e itálico, indicam a presença de uma alteridade, sinalizando distância entre as fontes do discurso, por exemplo, entre o enunciador e uma outra fonte, exterior ao seu discurso (um outro discurso, uma outra língua, a própria língua como lugar de polissemia, etc.). Nos casos de emprego de aspas e de itálico desacompanhados de glosas, como são os exemplos apresentados acima, a autora nos esclarece que a alteridade fica implícita e tanto a compreensão quanto a interpretação dessas marcas depende do ambiente discursivo. Vejamos como isso se dá nos exemplos citados, nos quais há mais de uma fonte na cena enunciativa:

- no exemplo (08), o itálico que dá ênfase à frase “Isto é um fato!”, assim como ocorre no caso das aspas de ênfase (cf. AUTHIER-REVUZ, 2004), implica um comentário de natureza metalinguística, a saber, que são exatamente essas palavras que se queria empregar (cf. AUTHIER-REVUZ, 2004, p.228), rebatendo antecipadamente qualquer tipo de contestação. O exterior, nesses termos, é a própria língua, como lugar, nesse caso específico, de adequação entre as palavras e as coisas. Esse itálico também pode ser compreendido como um sinal de que a aforização que estava em curso (“as mulheres inteligentes sabem que”) foi momentaneamente interrompida para ceder espaço para um comentário paralelo que recai sobre o conteúdo do que vai ser enunciado em seguida, a saber, a segunda parte da aforização. Com esse comentário, chama-se a atenção para o

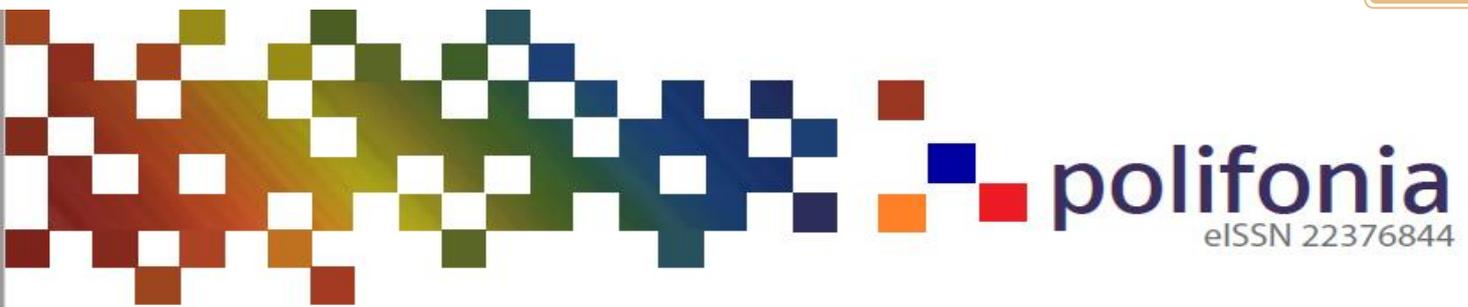


que vai ser dito no resto da aforização, informando-se, então, que o conteúdo a ser apresentado na sequência diz respeito a um “fato” e que o termo empregado é o termo certo e adequado para se referir a ele (daí a suposta coincidência entre as palavras e as coisas), por isso não deve ser contestado;

- o exemplo (09) diz respeito a uma ocorrência bastante híbrida: globalmente, temos uma aforização (“Uma mulher inteligente sabe que... dela”) no interior da qual há uma ocorrência de discurso citado em estilo indireto (“os homens acham que é obrigação da mulher se precaver porque...”). Além disso, no interior desse discurso citado, há algumas palavras atribuídas ao próprio discurso que está sendo citado, que, no caso, é o discurso dos homens. Ou seja, o discurso dos homens não só está sendo relatado em estilo indireto no interior da aforização, como também estão sendo empregadas aí palavras específicas desse discurso, que são justamente as palavras que aparecem entre aspas. Assim, o discurso citado (discurso dos homens) é responsável não só pela perspectiva enunciada (a saber: são os homens que consideram que a mulher, por ser dona de seu corpo, é quem deve assumir a responsabilidade de se precaver, numa relação sexual) como também pelo emprego de certas palavras (“o corpo é dela”). Nesse contexto heterogêneo, as aspas ressaltam a distância entre os discursos presentes na aforização;

- no exemplo (10), as aspas isolam o discurso relatado em estilo direto, discurso que, como no caso anterior, é um enunciado atribuído a outra fonte, isto é, os homens, evidenciando novamente a distância que há entre o discurso citante e o citado;

- nos exemplos (11) e (12) as aspas demarcam expressões (respectivamente, “brincar de casinha” e “esposa perfeita”) que não estão plenamente de acordo com o discurso de autoajuda e que, assim como nos casos anteriores, pertencem a uma outra fonte. Trata-se, provavelmente, do discurso da enunciatária, identificada no discurso de autoajuda

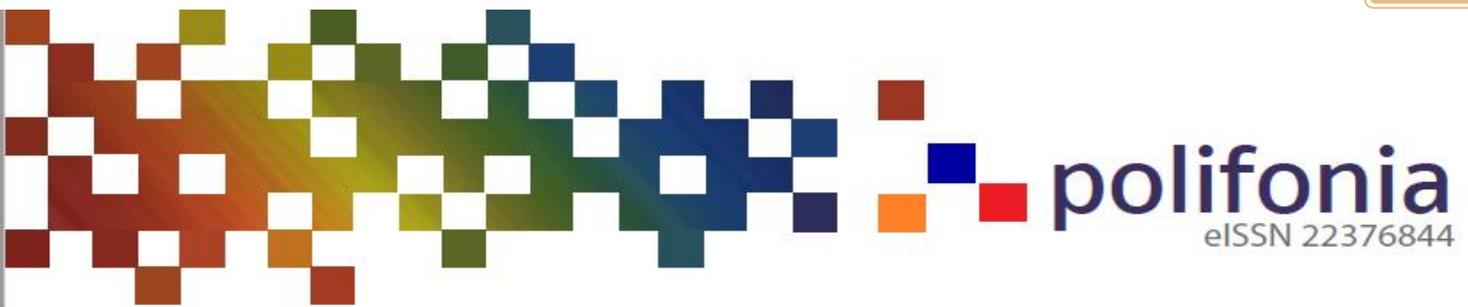


como uma pessoa ingênua, imatura, excessivamente romântica, insegura, interessada em relacionamentos com fins de matrimônio, daí nossa hipótese de que tais expressões, típicas de um discurso mais infantil e/ou romântico, estejam associadas a essa fonte. Confirmada essa hipótese, podemos dizer que se trata de um caso de *aspas* de condescendências, em que o enunciador parece querer dizer algo como “se não falasse do modo como você fala, não teria usado tais expressões” (cf. AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 223).

Em todos esses casos, parece-nos que a figura verdadeiramente implicada nessa divisão de responsabilidades pelo dizer é a do enunciador e não o do aforizador propriamente dito, uma vez que o aforizador é, por definição, uma figura enunciativa que enuncia uma verdade e que se caracteriza por se responsabilizar plenamente pelo que diz. Nele coincidem sujeito da enunciação e sujeito no sentido jurídico e moral, ou seja, sujeito que afirma valores diante do mundo.

Considerando, portanto, o status de sujeito pleno, próprio ao aforizador, é pouco provável que ele se contente em dividir a cena de enunciação com as fontes elencadas anteriormente. Além disso, vale lembrarmos que, segundo Maingueneau (2014), na aforização, não deve haver vestígios do processo enunciativo efetivo que dá origem à frase aforizada, “mas a expressão de um pensamento alheio às vicissitudes das circunstâncias” (MAINGUENEAU, 2014, p.41). Desse modo, parece-nos mais adequado afirmar que, nesses pequenos fragmentos do discurso, nos quais há algum tipo de alteridade, houve uma breve oscilação na enunciação aforizante, que volta momentaneamente a ser uma enunciação ordinária, para logo em seguida recuperar seu *status* privilegiado de enunciação memorável, o que poderia, quem sabe, encobrir a ruptura enunciativa que foi provocada pela presença dessa alteridade e que evidencia, justamente, as diferenças entre os dois tipos de enunciação.

A seguir, apresentamos alguns exemplares de um outro tipo de aforização que nos chamou atenção no *corpus*:



(13) *“Você deve massagear o ego de um homem. Os homens possuem egos muito frágeis.”* (CARTER e SOKOL, 2006, p.141)

(14) *“Um homem deveria sempre ganhar mais dinheiro do que a mulher. Afinal eles são os provedores naturais.”* (CARTER e SOKOL, 2006, p.141)

(15) *“Um homem não gosta que uma mulher pareça mais inteligente do que ele.”* (CARTER e SOKOL, 2006, p.142)

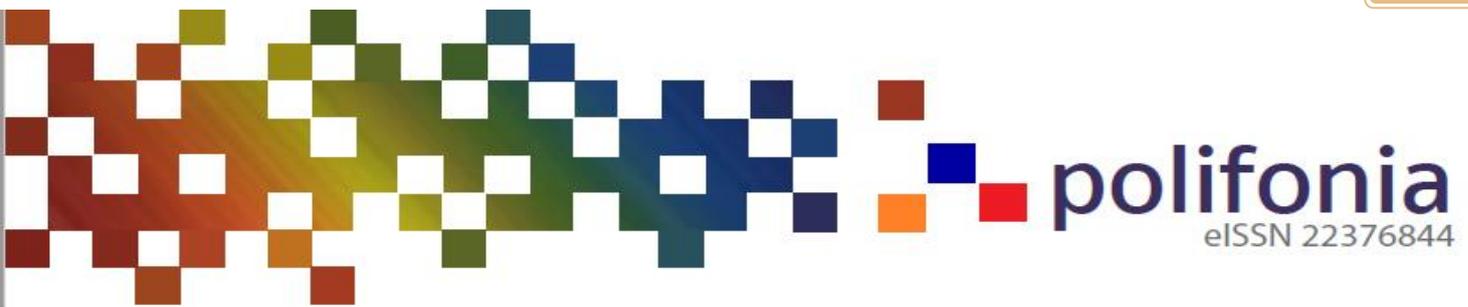
(16) *“É o homem quem deve tomar a iniciativa no sexo.”* (CARTER e SOKOL, 2006, p. 142)

(17) *O homem da casa deve ser o responsável pelas decisões! Cabe a ele dar a palavra final* (CARTER e SOKOL, 2006, p. 142)

(18) *“Os homens não gostam de mulheres com opinião própria.”* (CARTER e SOKOL, 2006, p.142)

(19) *“Um homem não suporta uma mulher que discorda dele.”* (CARTER e SOKOL, 2006, p.143)

As aforizações acima (13 a 19) são apresentadas entre muitas outras do mesmo tipo com o intuito de reproduzirem as crenças sobre relacionamentos que as mulheres inteligentes desprezam (e que a enunciatária também deve descartar, a fim de se tornar uma “mulher inteligente”). Como se trata da reprodução de um discurso contrário à perspectiva do discurso de autoajuda, por ser um discurso claramente machista, segundo o qual as mulheres devem se ajustar às preferências dos homens, as aforizações desse tipo, diferentemente das demais aforizações da obra, estão todas em itálico e



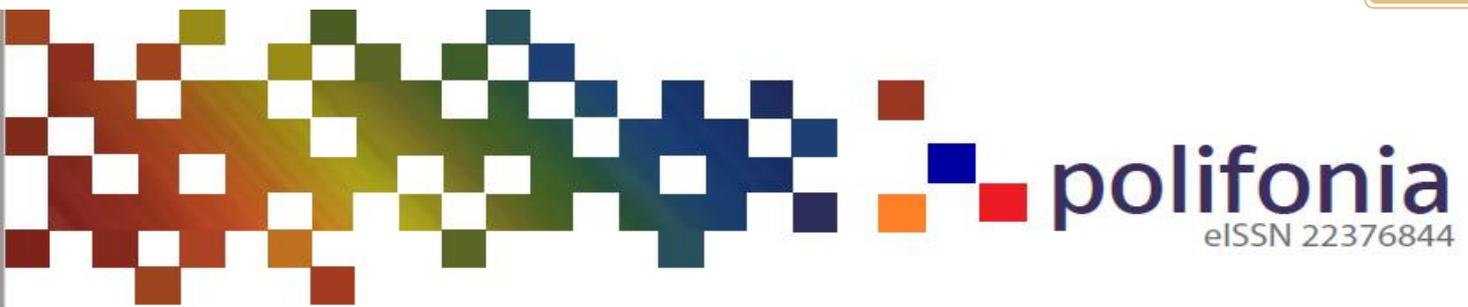
acompanhadas de aspas, recursos que, conforme dito, evidenciam a distância que há entre os discursos envolvidos, o discurso citante e o discurso citado: o último identificado com as crenças sobre o que, de um ponto de vista machista, poderia contribuir para o sucesso de um relacionamento entre um homem e uma mulher.

Dada essa distância, nessas aforizações, podemos perceber que o tom solene que tipicamente caracteriza “o *ethos* do locutor que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma Fonte transcendente” (MAINGUENEAU, 2010, p.14) cede espaço para o tom de desprezo, próprio de enunciados irônicos, que colocam em cena uma perspectiva a que a fonte do discurso não adere, por ser absurda e incompatível com seu discurso.

Mais uma vez, entendemos que essa fonte não pode ser exatamente o aforizador em si, mas o próprio discurso de autoajuda, que coloca em cena uma posição absurda (no caso, o machismo) que não pode ser, obviamente, assumida por um discurso tal como o discurso de autoajuda, que se apresenta justamente como um discurso a serviço dos interesses das mulheres.

A ironia, segundo Maingueneau (1989), é um fenômeno sutil, passível de análises divergentes. Independentemente dessas várias possibilidades de tratamento da questão, a ironia é sempre “um *gesto* dirigido a um destinatário, não uma atividade lúdica, desinteressada” (MAINGUENEAU, 1989, p. 99; grifo do autor). Sendo assim, entendemos que as aforizações irônicas são dirigidas mais a enunciatária do discurso de autoajuda do que ao auditório universal, que é marca das aforizações ortodoxas. A enunciatária do discurso de autoajuda encontra nessas aforizações às avessas o tipo de comportamento que não deve adotar de forma alguma.

Diante do exposto, talvez seja possível afirmarmos que, nesses casos, o discurso de autoajuda coloca em cena um antiaforizador, ou seja, aquele em contato com uma fonte absurda, que enuncia justamente o discurso contrário, que jamais poderia ser assumido pelo verdadeiro aforizador. Nesses termos, estamos diante de um caso em que a enunciação textualizante apenas encena uma suposta aforização, que, por ser às



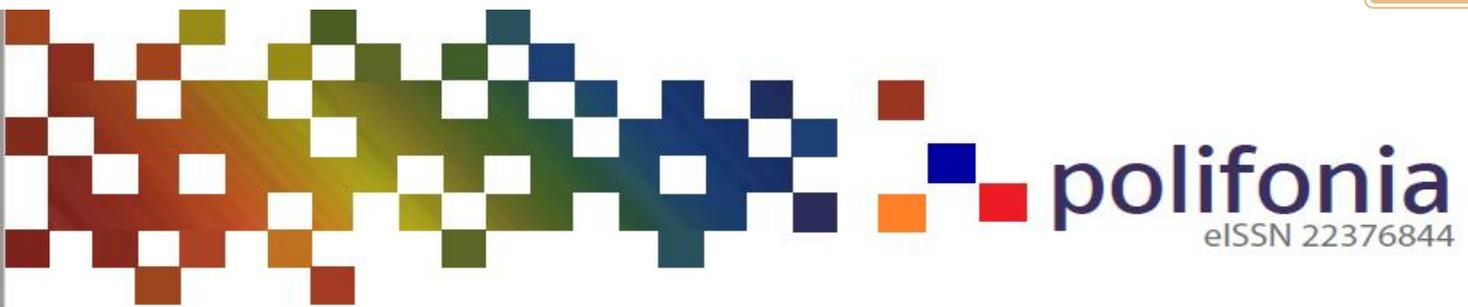
avessas, não é uma verdadeira aforização, misturando assim os limites entre os dois tipos de enunciação.

Conclusão

Neste trabalho, analisamos um conjunto de frases aforizadas presentes em uma obra de autoajuda sobre relacionamento dirigida ao público feminino. A análise revela que existem aforizações que fogem um pouco ao padrão, pois manifestam propriedades que não são típicas da enunciação aforizante, a saber, marcas de interação, ainda que fraca, e heterogeneidade enunciativa, o que as aproxima da enunciação textualizante, o que nos leva a entender que a enunciação aforizante pode sofrer oscilações, apresentando versões um pouco distantes do padrão descrito por Maingueneau em suas reflexões sobre o tema.

A esse respeito, vale lembrarmos que, apesar de suas propriedades especiais, que impedem as aforizações de entrarem na lógica do texto e do gênero do discurso, elas não deixam de fazer parte de um texto, já que não existe frase que não pertença a um certo gênero, que não siga uma rotina, um ritual, etc. Por isso, Maingueneau nos esclarece que a aforização é sempre convocada num texto que, por natureza, não é absoluto, embora ela pretenda ser uma fala absoluta, descontextualizada. Assim, o autor destaca a pretensão vinculada a toda aforização: a de ser uma fala absoluta, sem contexto. Considerando conjuntamente as propriedades dos dois tipos de enunciação, Maingueneau trata da tensão que se estabelece entre a aforização e o todo textual do qual faz parte, afirmando:

As enunciações textualizantes e aforizantes não representam as duas possibilidades de uma alternativa, como se os enunciadores falassem ou por textualização ou por aforização. Toda aforização intervém em uma textualização: **é uma encenação construída por outro enunciator, um citador**. A aforização vem, portanto, minar a capacidade da textualização. Ela faz aparecer a existência de outro regime enunciativo, em que há sujeitos de pleno direito e não somente enunciadores e enunciativos, a expressão de



uma interioridade e não somente uma negociação no interior de uma rede de normas e de interações situadas. **E não é o menor dos paradoxos que o texto seja ao mesmo tempo o lugar em que se constitui a aforização e aquilo que ela tem por natureza contestar. Desse ponto de vista, é o texto que fabrica o que o contesta.** (MAINGUENEAU, 2010, p. 23-4; grifos nossos)

Diante do exposto, podemos dizer que as oscilações da enunciação aforizante, tal como observamos no caso do discurso de autoajuda dirigido a mulheres, evidenciam que esse tipo de enunciação não deixa de ser mesmo apenas uma grande encenação, uma construção enunciativa que, às vezes, pode deixar transparecer marcas da enunciação textualizante na qual a intervém. E, para além disso, apontam, ainda que de modo bem sutil, para o fato de que a enunciação é a gestão da própria cena que engendra, e não a mera reprodução de um modelo anterior, pronto e independente de si; enfim, é uma encenação sempre capaz de se transmutar.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, n. 19, jul./dez., p. 25-42, 1990.

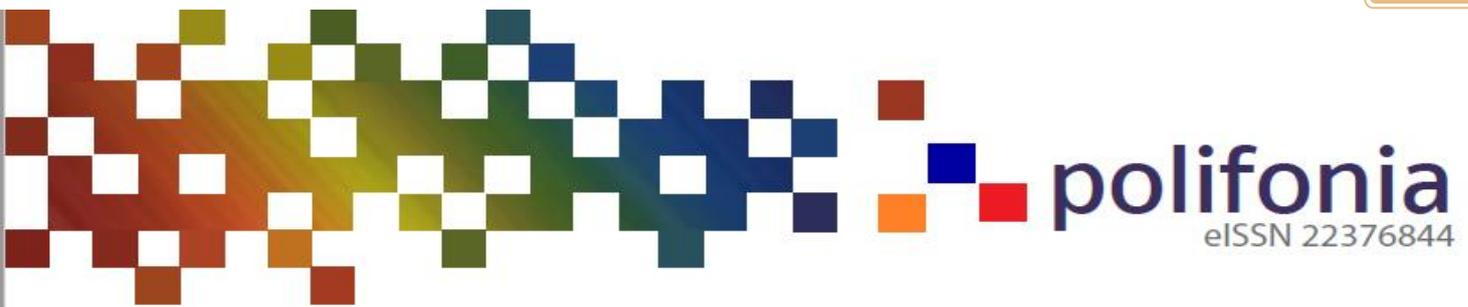
AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BRUNELLI, Anna Flora. *O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de autoajuda*. 2004. 149f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CARTER, Steven; SOKOL, Julia. *O que toda mulher inteligente deve saber: como lidar com os homens com sabedoria e conseguir o amor que você merece*. Tradução de Sonia Maria Moitrel Schwarts. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Contexto, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes/Editora da UNICAMP, 1989.



MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas de enunciação*. Tradução de Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva [et al.]. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Primeira Reimpressão. Curitiba: Criar Edições, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. Tradução de Adail Sobral [et al.]. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *Frases sem texto*. Tradução de Sírio Possenti [et. al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.